



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA GABRIELY DA COSTA SILVA

2020, UMA ODISSÉIA VIRAL: REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 E A INFODEMIA

**GUARABIRA - PB
2021**

MARIA GABRIELY DA COSTA SILVA

2020, UMA ODISSÉIA VIRAL: REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 E A INFODEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Maria Gabriely da Costa.
2020, uma odisséia viral [manuscrito] : reflexões sobre a COVID-19 e a infodemia / Maria Gabriely da Costa Silva. - 2021.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Infodemia. 2. Covid-19. 3. Mídias digitais. 4. Notícias falsas. I. Título

21. ed. CDD 614.546

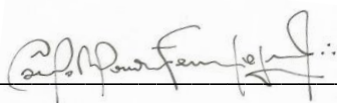
MARIA GABRIELY DA COSTA SILVA

**2020, UMA ODISSÉIA VIRAL: REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 E A
INFODEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História.

Aprovada em: _14_/_10_/_2021_____.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para os meus pais, Josias Pereira e Marinês Dias, por terem me dado a liberdade de escolher e a mim mesma por ter feito a escolha certa, DEDICO.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19 - Co- de Corona; Vi- de vírus; D- de disease; e 19- de 2019.

Coronavírus – nome do vírus que causa a doença que se chama covid-19.

EPI-WIN - World Health Organization's information network for epidemics
(Rede de Informações sobre Epidemias da Organização Mundial de Saúde).

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz.

OMS - Organização Mundial da Saúde.

OPAS – Organização Mundial de Saúde.

SARS-COVID-2 - Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG).

TICs – Tecnologia informacionais e comunicacionais.

UTIs – Unidades de Terapia Intensiva.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A <i>INFODEMIA</i>	10
2.1 As Mídias Digitais e a <i>Infodemia</i>	12
2.2 Informações sem mediação.....	13
3. VÍCIO EM TECNOLOGIA	14
3.1 O problema do excesso de informação	15
4. VACINAÇÃO E O MOVIMENTO ANTIVACINA	17
4.1 A importância das informações sobre saúde	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS	20

2020, UMA ODISSÉIA VIRAL: REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 E A INFODEMIA

2020, A VIRAL ODYSSEY: REFLECTIONS ABOUT COVID-19 AND INFODEMIA

Autora: Maria Gabriely da Costa Silva¹.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de compreender a relação entre a pandemia da covid-19 e a *infodemia*, entendida como o excesso de informações, principalmente nas mídias digitais. O fenômeno da *infodemia* foi considerado um perigo para a saúde pública coletiva pelas agências sanitárias nacionais e internacionais. Acentuada pelas tecnologias da informação e da comunicação que tornaram imediatista a comunicação virtual, a qual prioriza a velocidade da informação em detrimento da qualidade. A dependência no mundo virtual contribuiu para a atual enchente de informações, a *infodemia* torna humanamente impossível a seleção do que é relevante ou não para nós, o que agrava ainda o contexto pandêmico. Ter acesso a informações objetivas e seguras é direito de todos, e só assim podemos assegurar a melhor conduta no combate ao maior desafio humanitário do século XXI. Pensando nisso, o trabalho está dividido em três objetivos: na conceituação do termo *infodemia*, com suas características e demarcações; na influência das redes e mídias digitais no contexto social infodêmico, junto às complicações sociais decorrentes da *infodemia*; e, por fim, vamos analisar o crescente movimento antivacina, que se apoiou nas comunidades digitais e na pandemia de informações para se reafirmar contra a vacinação. Para fundamentar tal discussão, utilizamo-nos de obras contemporâneas de pensadores como Han (2018), Silveira (2019), Harari (2020) e Fernandes (2021), entre outros. Além de análise de conteúdo digital, levantamento bibliográfico em fontes digitais como artigos, papers, mensagens instantâneas e noticiários.

PALAVRAS-CHAVE: Infodemia. Covid-19. Mídias digitais. Notícias falsas.

¹ Maria Gabriely da Costa Silva – Estudante da Graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: gaby.costasilva@outlook.com

ABSTRACT

This study aims to understand the relationship between the covid-19 pandemic and infodemic, understood as the excess of information in digital media. The phenomenon of infodemia was considered a danger to collective public health by national and international health agencies. Accentuated by information and communication technologies that made virtual communication immediate, which prioritizes the speed of information over quality. Dependence on the virtual world has contributed to the current flood of information, infodemic makes it humanly impossible to select what is or is not relevant to us, which further aggravates the pandemic context. Having access to objective and secure information is everyone's right, and only in this way can we ensure the best conduct in combating the greatest humanitarian challenge of the 21st century. With this in mind, the work is divided into three objectives: In the conceptualization of the term infodemia, with its characteristics and demarcations. In the influence of digital networks and media in the infodemic social context, together with the social complications arising from infodemic; and finally, let's analyze the growing anti-vaccination movement, which relied on digital communities and the information pandemic to reaffirm itself against vaccination. To support this discussion, we use contemporary works by thinkers such as Han (2018), Silveira (2019), Harari (2020) and Fernandes (2021), among others. In addition to Digital Content Analysis, bibliographic survey in digital sources such as Articles, Papers, Instant Messages and News.

KEYWORDS: Infodemic. COVID-19. Digital media. Desinfodemic.

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros casos de covid-19, pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), tiveram registros em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. A contaminação viral atingiu em poucos meses a maioria dos países do mundo, e a população exponencialmente foi infectada pela influenza. A ciência e os avanços da medicina moderna contribuíram para uma aparente relação de bem-estar social na contemporaneidade. Considerando que, em pelo menos um século, não tivemos grandes emergências pandêmicas, como nos lembra o historiador israelense Yuval Harari (2020), que eram comuns até início do século passado, por exemplo, com a Grande Gripe (1918), com efeito, a ausência de uma experiência real com um evento de magnitude pandêmica refletiu na nossa história recente nessa geração. É isso que torna tão assustadora e *inédita* a pandemia da covid-19.

A angústia, o medo ou a descrença na doença fez da covid-19 o tema mais comentado do mundo, tanto na mídia analógica (televisão, rádios, jornais) quanto na mídia digital (redes sociais, jornais digitais, pesquisas on-line, artigos em revistas e blogs on-line). Neste sentido, não restam dúvidas sobre os benefícios e a importância da ascensão das tecnologias da informação e da comunicação na vida da maioria das pessoas, mas no momento da pandemia da covid-19, no qual as informações sobre o novo coronavírus deveriam ser extremamente precisas e confiáveis, apresentou-se a todos o fenômeno da *Infodemia*.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou no dia 15 de fevereiro de 2020, através do Diretor-Geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, que além da covid-19 uma outra epidemia estava em ascensão, ele alertou: “Não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra um infodêmico.”². Esse comunicado ocorreu antes do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) ser considerado uma pandemia, manifestando o quão sério são informações irresponsáveis no contexto de crise da saúde coletiva. Com efeito, tivemos simultaneamente a emergência de duas pandemias virais: uma no sentido original físico-biológico e outra no sentido virtual que significa espalhar-se amplamente para um contingente gigantesco. Para conseguirmos visualizar melhor a questão da *infodemia*, em números, a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) nos mostra que no mês de março de 2020 cerca de 550 milhões de *tuítes* tinham os termos “coronavirus”, “corona vírus”, “covid19”, “covid-19”, “covid_19” ou pandemic³.

2. A INFODEMIA

As pessoas não apenas falavam sobre a doença nas redes sociais, mas procuravam se informar sobre o vírus nas redes. Em uma plataforma como o *Twitter* onde os *caracteres* têm um número limitado para que os usuários escrevam mensagens curtas sobre um assunto, geralmente sobre temas momentâneos, o *desing* é sob medida para assuntos *virais*, há ainda os *trends* (tendência), lugar onde fica o ranking com os assuntos do momento, ou seja, o usuário se informa sobre

² Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14 Acesso em: 20/03/2021

³ Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14 Acesso em: 20/03/2021

qualquer notícia com *tuítes* de terceiros o que facilita imensamente a disseminação de informações tendenciosas ou mentirosas.

Em meados do mês de março de 2020, quando o mundo contava com 118 mil casos em 114 países, a OMS, em pronunciamento extraordinário, classificou a covid-19 como uma doença altamente contagiosa e com tendência pandêmica⁴, nesse momento lançou-se então uma plataforma on-line de informação chamada Rede de Informação da OMS para Epidemias (EPI-WIN), que tem o objetivo de compartilhar informações verídicas sobre a pandemia visando públicos-alvo. Levando em consideração a declaração de que estávamos lidando com duas pandemias igualmente perigosas, ficou evidente a preocupação da agência sanitária mundial com o fenômeno da *Infodemia*.

O termo Infodêmico ou *Infodemia*, segundo o folheto informativo da Organização Pan-americana de Saúde, “se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual” Além da ocorrência pandêmica ter incentivado a adesão do novo vocábulo, o termo *Infodemia* pode ser entendido literalmente como uma pandemia de notícias, opiniões e informações sobre um assunto em comum, ou seja, notícias que rapidamente se espalham e atingem cada vez mais pessoas de maneira descontrolada, assemelhando-se a própria pandemia viral.

As informações em uma *infodemia* crescem de maneira exponencial, aumentam o volume de dados gerando uma hipercirculação de notícias. A princípio enfatizamos que para ser considerado um infodêmico, as notícias não precisam necessariamente serem falsas. Todavia, a enorme quantidade de notícias sobre um tema torna difícil o exercício de verificar a veracidade da informação, sendo assim, no geral, a quantidade em detrimento da qualidade da informação é a principal característica da *infodemia*.

No entanto, outros fenômenos orbitam a *infodemia*, como a desinformação que está relacionada às notícias fabricadas, enganosas e/ou tiradas de contexto, com o intuito de manipular a divulgação séria da informação. A desinformação é um desserviço à população, além das mentiras, utilizam-se de manchetes chamativas e geralmente com uma proposta de “breaking news”, notícias de última hora ou algo que a “grande mídia” não divulgaria, causando um tipo de sentimento de urgência para que a pessoa compartilhe essa “raríssima” informação. A notícia atinge cada vez mais e mais pessoas, podendo ser centenas, milhares ou milhões. Há ainda um outro termo muito comum entre 2016 e 2018, sobretudo em decorrência das eleições estadunidense e brasileira, respectivamente, as chamadas *Fake News*, contudo, o termo tornou-se insuficiente no contexto da pandemia.

A *desinfodemia*⁵, por sua vez, é mais específica e acolhe o significado de que realmente são “notícias mentirosas”. A desinformação não permite abertura para meia interpretação, são mentiras que atrapalham a vida das pessoas, descredibilizam a ciência e a mídia especializada, principalmente, em meio a pandemia momento que deveriam ser priorizadas informações de especialistas em saúde e a divulgação em massa de notícias objetivas.

⁴ Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020> Acesso em: 05/02/2021

⁵ No cerco da infodemia, a desinfodemia é especialmente as notícias enganosas, fabricadas com essa intenção, enquanto a infodemia é o excesso sem a pretensão de enganar, mas atrapalha a checagem por ser humanamente impossível pelo volume de informações.

Um dos maiores problemas nesse cenário é que na medida em que estamos em contato com tantas informações novas sobre o mesmo assunto, não somos mais capazes de distinguir as fontes seguras e confiáveis. É humanamente impossível fazer distinção do verdadeiro ou do tendencioso nas milhares de informações que recebemos no dia. Logo, compreende-se as tentativas de contenção da *infodemia* pela Organização Mundial de Saúde, em virtude de que no contexto da pandemia significa mais pessoas infectadas, ocupando mais leitos hospitalares, refletindo consideravelmente no número de mortes, justamente porque combater a *infodemia* é uma questão de saúde pública, pois o trato das informações e a interpretação que se fazem delas, ocasiona danos visualizados diretamente na pandemia viral.

2.1 As Mídias Digitais e a *Infodemia*

O historiador Yuval Harari (2020) defende a cooperação internacional e o compartilhamento de informações confiáveis como efetivas armas contra o vírus. Ele afirma que pessoas bem informadas e que acreditam nas organizações e agências de saúde, na ciência e na mídia podem mudar de comportamento temporariamente e desacelerar o contágio vertiginoso da doença. Isso nos faz refletir que a preocupação acerca da qualidade das informações é tão pertinente quanto com a quantidade.

O notório avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que transformaram o cotidiano das pessoas nas últimas décadas, têm mudado essencialmente o consumo de informações e a vida de todos simultaneamente. Na História não há novidade nos boatos, rumores e informações falsas a respeito de um novo acontecimento, mas o que se apresenta na atualidade é uma disponibilidade cada vez maior de recursos digitais que distribuem em larga escala as informações. No mesmo aparelho eletrônico é possível receber informações de maneira passiva ou de replicá-las para dezenas de milhares de pessoas com apenas um *click*, essa velocidade, sim, é novidade na História da humanidade.

O aumento exagerado no número de notícias está intrinsecamente relacionado com a dependência das pessoas atualmente de se informarem exclusivamente pelas mídias digitais. Pensando a partir do contexto do isolamento social, recomendado pela OMS, o uso exacerbado das mídias digitais se potencializou, pois nelas temos a comodidade de receber e enviar notícias. Esse vício em tecnologia, aliado ao isolamento social fez milhões de pessoas terem apenas ao mundo virtual para se comunicar, conseqüentemente, esse momento culminou no aumento vertiginoso das horas que a população passa on-line e conseqüentemente ampliaram-se os *dados* digitais.

A valorização da quantidade deixando a qualidade em invidência é uma característica da contemporaneidade. Com o mundo cada vez mais computacional, as organizações dos mais diversos setores sociais se convertem em enumeráveis, quantificáveis e hierarquizados, assim tudo é possível de ser *algoritmizado*, estamos vivendo na era da chamada *big data*:

Análise de *big data* refere-se à estratégia de estudo de grandes volumes de dados, ou big data. Essa grande quantidade de dados é coletada numa ampla variedade de fontes, incluindo redes sociais, vídeos, imagens digitais, sensores e registros de transações de vendas. O objetivo na análise de todos esses dados é descobrir padrões e conexões que de outra forma

seriam invisíveis e que podem fornecer informações valiosas sobre usuários que os geram. (SILVEIRA, 2019)

Os algoritmos são responsáveis por ordenar, classificar e processar grande número de dados com o propósito de obter resultados para os quais foram programados. O objetivo do processamento desses dados é não apenas de reconhecer os padrões e tendências, mas também criar vantagens na tomada de decisões de carácter político, empresarial ou de *marketing*. No entanto, o volume de dados on-line que geramos todos os dias é tão expressivo que os algoritmos conseguem, não só identificar padrões, como modificar o comportamento humano. Atualmente, as análises de *big data* conseguem promover notícias, postagens e anúncios em detrimento de outros, uma vez que, os tipos de *posts* que aparecem para um perfil de usuário podem nunca aparecer para outro perfil, colocando-nos em bolhas virtuais, e se relacionarmos com a quantidade de horas que passamos on-line, essas bolhas se tornam a nossa referência de realidade, passando a ser o mundo que acreditamos existir.

O mundo *on-line* mostra-se mais atraente do que o mundo *off-line*, nas redes sociais não lidamos com conflitos de opiniões, se assim quisermos, porque nossas crenças são reafirmadas, aparecem para nós tipos de notícias que confirmam a opinião que já temos. Esta configuração em si parece inofensiva, no entanto, mantém o usuário cada vez mais tempo on-line, e quanto mais tempo estamos nas mídias digitais mais alimentamos (*feeding*) o algoritmo. Nós plantamos nossas preferências e colhemos uma plataforma personalizada. O preço do conforto de ter aos olhos o que já concordamos é nossa própria *atenção*, essa é a moeda de troca das redes sociais, ou seja, enquanto estivermos *navegando*, à deriva do tédio, sem perceber que gastamos horas do nosso dia, gratuitamente presos nas ilhas (bolhas) virtuais dos *smartphones*, os algoritmos estarão cumprindo seu propósito de comandar o que (não) iremos saber.

Uma das recentes características dos algoritmos que os fazem mais poderosos ainda, é que eles não apenas preveem os nossos comportamentos, mas podem manipular os nossos sentimentos relativos a determinado assunto, controlando as informações que chegam aos nossos *feeds*. O apelo emocional das informações falsas com títulos sensacionalistas, conteúdos exagerados ou enganosos, transforma-os mais suscetíveis de serem compartilhados em comparação às informações verdadeiras.

O sentimento de medo, frustração e ressentimento são instigados nessa máquina que a cada segundo é alimentada com mais e mais informações sobre nossas personalidades e favoritismos, a cada dado colhido alimentamos a máquina mais exata de sugestões para nós mesmos, *já ouviu essa música? Para onde vamos hoje? Está com fome?* Nossos celulares nos conhecem mais que nós mesmos.

2.2 Informações sem mediação

Nunca nos informamos tanto por fontes não confiáveis, os compartilhamentos avulsos e sem mediação alguma chegam até nossos *smartphones* como a última notícia do momento, *ao vivo*, e a necessidade de estar atualizado com as notícias instantâneas não permite tempo para reflexão ou verificação da informação. Com o distanciamento social tivemos que conter nossas atividades presenciais à encontros

virtuais, em salas de bate-papo e aplicativos de videochamada, desse modo, o tempo on-line aumentou consideravelmente. E enquanto a pandemia viral se propagava pelo mundo, a *infodemia* se disseminava nas mídias digitais para todos que puderam se isolar socialmente.

O Filósofo coreano Byung-Chul Han (2018) trabalha com o conceito da *Desmediatização* das informações. Todos nós produzimos informações sem mediação alguma nas mídias digitais, o oposto do que fazíamos com as mídias análogas como televisão e o rádio como meio de informação das massas que dominou quase todo o século XX. Sobre as mídias digitais, conhecidas popularmente como redes sociais digitais, temos as mais populares do Brasil na segunda década do século XXI, que são: Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter, estas ferramentas transformaram-se em poucos anos nas fontes mais comuns de informação, e muito dessa preferência tem a ver com o conforto que nos oferecem os aplicativos. Na mesma plataforma temos informações quase em tempo real, entretenimento de conteúdos produzidos especialmente para essas ferramentas e a comunicação pela interconexão dos computadores pessoais.

A novidade nesse cenário é que as informações têm um enorme alcance em poucos *clicks*. Na obra “No exame: perspectivas do digital”, Byung-Chul Han fala que:

“[...] não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informações” (HAN, 2018, p.36).

O aumento exponencial e sem mediação da quantidade de informações na vida contemporânea é uma resposta à crença longínqua de que quanto mais informações tivermos a nossa disposição, melhores serão nossas atitudes frente a um problema como, por exemplo, uma pandemia. Mas é necessário analisar que, em um primeiro momento, ter quantidades exageradas de informações não nos garante a melhor escolha. Quanto maior a gama de dados desconexos a respeito de um mesmo assunto e a grande exposição ao excesso desses dados, com o objetivo apenas no compartilhamento pelo compartilhamento, mais perto chegamos da baixa capacidade de discernimento entre o que é importante e o que não é, logo, isso mostra que não conseguiremos mais selecionar o que é essencial para nós.

3. VÍCIO EM TECNOLOGIA

A *desmediatização* das informações e o imensurável volume de dados são resultantes de um mesmo problema: o vício contemporâneo em tecnologia. A ideia de vícios comportamentais é recente em duas vertentes, primeiro porque acreditava-se que apenas pessoas predispostas geneticamente adquiriam um vício; em segundo que o vício era específico do consumo de substâncias químicas, não de comportamentos. No entanto, para Paulo Dalgalarondo (2019) vícios comportamentais ou transtornos aditivos não relacionados a substâncias “trata-se de quadros de dependência que, embora não tenham o elemento bioquímico de uma substância agindo no cérebro, têm muitos elementos semelhantes às dependências químicas e implicam estruturas e circuitos cerebrais análogos” (DALGALARRONDO, 2019, p.720).

Os vícios comportamentais são tão maléficos à saúde quanto o vício em substâncias químicas. Para Stanton Peele o termo “vício comportamental” nem mesmo deveria existir, uma vez que apenas “vício” seria o suficiente para descrever que é um problema. Ele conceitua o vício como “uma ligação extremamente disfuncional, uma experiência profundamente prejudicial para as pessoas, mas que é parte essencial de sua interação com o ambiente e da qual ela não pode abrir mão.” (PEELE, 2018, p.67).

A partir disso, entendemos o vício em tecnologia como algo naturalizado entre os anos finais da geração Y e muito forte na geração Z, que cresce junto às tecnologias já desenvolvidas e espalhadas pelos diversos setores da vida social. Aplicativos de *streaming*, de mobilidade, de alimentação, de relacionamento são funcionais, e provavelmente esse seja o problema, enquanto o aplicativo cumpre o papel que foi preceituado, ainda de forma gratuita, isso faz com que não questionemos a privacidade dos nossos dados, concordamos com os termos sem lê-los. Em algum momento o senso comum constatou que podemos confiar nossas preferências e comportamentos à tecnologia, andamos com um aparelho digital que sabe tudo sobre nós.

Lembremos novamente de Byung-Chul Han no livro *Psicopolítica*, no qual ele retoma conceito do pan-óptico de Bertham, que seria o ponto de vigilância ideal para um único vigilante observar todos os detentos. Com as mídias digitais Han afirma: “Ao pan-óptico digital falta aquele Grande Irmão⁶ que arranca informação contra nossa vontade. Em vez disso, nós nos revelamos, nos expomos por iniciativa própria.” (HAN, 2018, p.57). Os nossos celulares, através do *big data*, coletam informações, processam e criam padrões de uma quantidade de dados tão grande que torna real a possibilidade de preverem o nosso comportamento. De fato, o Grande Irmão hoje não precisa nos vigiar, porque ele vê o mundo com os nossos olhos.

3.1 O problema do excesso de informação

Informação verdadeira em quantidade conveniente, de forma que seja possível a assimilação das notícias, em meio a uma pandemia, garante que a situação, por mais complexa que possa ser, contribua de forma eficaz na diminuição dos danos à saúde das pessoas; e também assegura que as autoridades ajam de maneira adequada frente ao esse desafio sanitário. Por outro lado, as consequências do descontrole desse número de informações produzidas sobre o assunto, ainda mais em um momento crítico para o sistema de saúde, como em meio à pandemia da covid-19, inevitavelmente, fazem com que o contexto seja ainda mais letal.

Além das pessoas se informarem sem a distinção do que é importante ou não, tomarem más decisões e perceberem atitudes das autoridades como equivocadas ou exageradas, as notícias falsas pioram esse cenário, colocando em risco a vida das pessoas e as expondo a mais problemas de saúde do que a “inevitável” contaminação viral. O contato com notícias falsas aumenta consideravelmente as taxas de mortalidade, seja por meio da negação da existência da pandemia, pelos métodos caseiros de prevenção à covid-19, pelo movimento

⁶ Referência ao Big Brother (Grande Irmão) do romance distópico “1984” do britânico George Orwell (1903-1950), cuja sociedade é vigiada constantemente.

antivacina ou pela ingestão equivocada de medicamentos sem comprovação científica no combate a doença mencionada. Notícias falsas descredibilizam a ciência e os órgãos sanitários, assim como a imprensa especializada. As exigências da Organização Mundial de Saúde para o distanciamento social, pelo fim das aglomerações, uso de máscaras e higienização das mãos se transformam em embates políticos e disputa da verdade.

Dos vários exemplos ocorridos em 2020, o caso do surto de envenenamento em massa por consumo de derivados do etanol, no Irã, se destacou internacionalmente. Em 28 de março, quase 2.200 casos de intoxicação por ingestão oral ou gargarejo de bebidas alcoólicas ilícitas foram relatados em todo o país. “Eles alegaram que bebiam álcool, como foi sugerido nas mensagens das redes sociais, para evitar que fossem infectados pelo SARS-CoV-2”⁷. A taxa de mortalidade por envenenamento voluntário, no momento do surto, foi o dobro da taxa de mortes por infecções pela covid-19, mostrando assim que, além de serem mortes evitáveis, se houvesse mais responsabilidade digital, quanto a diminuição e não compartilhamentos de notícias mentirosas ou descontextualizadas, vidas poderiam ser salvas, especialmente em meio à pandemia.

No Brasil, não chegamos ao ponto tão extremo quanto no caso iraniano, mas uma constante desde o início da pandemia foram a *infodemia* e *desinfodemia* (grande volume de notícias intencionalmente enganosas). Por exemplo, as notícias falsas sobre a inexistência do vírus, os relatos mentirosos que circularam na internet sobre pessoas que morreram de uma causa e o atestado de óbito era alterado para Coronavírus. e que a doença não existia de fato, Essas mentiras foram amplamente compartilhadas nas mídias digitais.

Neste contexto, as pessoas só pararam de compartilhar quando ficou impossível negar os milhares de casos pelo país, a negação, enquanto durou, desestimulou as pessoas a usarem máscaras, equipamentos de proteção individual, higienização contínua das mãos e que mantivessem o distanciamento social necessário, a falta de notícias pontuais contribuiu no aumento da transmissão comunitária.

Tendo em vista as desinformações e a *infodemia*, o Ministério da Saúde, no dia mundial da imunização, acentuou a divulgação de uma plataforma que existe desde 2018 contra notícias mentirosas na área da saúde., Assim como a OMS, a criação de uma plataforma on-line na tentativa de conter a desinformação, sinaliza a preocupação das agências sanitárias a respeito da importância do consumo de informações seguras. A plataforma “Saúde sem Fake News” informa seus objetivos no site da seguinte forma:

O Ministério da Saúde, de forma inovadora, está disponibilizando um número de WhatsApp para envio de mensagens da população. Vale destacar que **o canal não será um SAC ou tira dúvidas** dos usuários, mas um **espaço exclusivo para receber informações virais**, que serão apuradas pelas áreas técnicas e respondidas oficialmente se são verdade ou mentira. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018)

⁷ Surto por ingestão de metanol, no Irã. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32225177/>
Acesso em:16/03/2021

A necessidade de plataformas on-line que divulguem e esclareçam notícias precisas e pertinentes, e sobretudo, combatam informações imprecisas, deturpadas ou mentirosas, fez o Ministério da Saúde se alinhar a indispensável responsabilidade da saúde em informar as pessoas sobre questões que são necessárias a cooperação social. Diante dessas reflexões discutidas, pontuamos que apenas com divulgação pública dos fatos é possível parar ou minimamente conter uma disrupção pandêmica.

A descrença na ciência e na imprensa destinou ao nosso tempo a situação de incertezas e a recusa vacinal, mesmo na situação de urgência, como no período entre março e abril de 2021, no qual o Brasil viveu seu pior momento na pandemia⁸, o sistema de saúde pública brasileiro entrou em colapso, as taxas de ocupação de leitos de UTI COVID-19 atingiram:

Dezessete estados e o Distrito Federal com taxas iguais ou superiores a 80%, e mais dois estados somaram-se a eles, resultando em um total de 20 unidades federativas na zona de alerta crítico, das quais 13 com taxas superiores a 90%. (FIOCRUZ, 2021)

4. VACINAÇÃO E O MOVIMENTO ANTIVACINA

Coincidindo com o momento de incertezas nas instituições científicas e negacionismos temos o movimento antivacina, que consideravelmente cresceu junto com a popularização das mídias digitais na última década. Plataformas como Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp conseguem formar grupos que compartilham de ideologias em comum, nesses ambientes virtuais o ativismo antivacina dissemina informações falsas sobre efeitos colaterais a longo prazo das vacinas. Nas bases de grupos conspiracionistas, as informações têm explicações radicalmente simples que, geralmente, ignoram ou vão contra a ciência, são grupos de propagadores ativos de desinformação sobre vacinas.

O que pode fomentar mentiras on-line? Se retomarmos aos algoritmos vamos lembrar que não são programados para selecionar o que é verdade ou mentira, eles não têm distinção de valor, apenas focam no tipo de informação que se alinha com seu perfil de usuário, com seus padrões de comportamento na internet; grupos antivacina, por exemplo, recebem um tipo de notícias que as pessoas pró-vacina não recebem, sendo verdade ou não essas informações atingem um número alto de pessoas.

As vacinas são consideradas uma das maiores conquistas da humanidade, porém, são um dos maiores alvos quando falamos de desinformação e *infodemia* na área da saúde. O que é paradoxal, visto que, segundo a OMS, todos os anos graças aos imunizantes são salvas mais 2,5 milhões de vidas no mundo (FERNANDES, et al. 2021, p.61). A frase atribuída ao pediatra Juarez Cunha, membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Imunizações (Sbim), que as vacinas se tornam vítimas do próprio sucesso, é bem verdadeira. Quando notamos que uma doença foi erradicada

⁸ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/brasil-apresenta-pior-cenario-desde-inicio-da-pandemia> Acesso em: 14/05/2021

ou controlada, a população tem uma percepção errônea de que as vacinas são dispensáveis. Sem qualquer embasamento científico hesitam em se imunizar.

O Brasil tem uma relação muito complexa com a vacinação. Prova disso é o episódio da Revolta da Vacina, em 1905 que retardou a erradicação da varíola, que só no ano de 1971 se concretizou conquista advinda da vacinação em massa da população brasileira. Inclusive foi a partir desse marco histórico de erradicação da varíola que foi criado o Plano Nacional de Imunizações (PNI), em 1973.

O PNI é o órgão de imunização mais completo do mundo, e transformou o Brasil em referência mundial de imunização, conforme constata-se no livro feito por pesquisadores da Fiocruz essa eficiência foi: “[...] Resultado de uma vacinação em massa associada a um sistema de vigilância e rigorosa supervisão da vacinação.” (FERNANDES, et al. 2021, p.61). Esse sistema de imunização lidera as campanhas de vacinação no Brasil, e é através dele que mostramos ao mundo que mesmo um país de tamanho continental é possível ser bem coordenada uma prática de saúde pública competente.

Apesar do reconhecimento internacional e das vitórias internas, a respeito da vacinação, houve uma queda considerável na cobertura vacinal no país. Em 2019, a Organização Mundial de Saúde declarou que a recusa a vacina está entre as 10 ameaças a saúde global (OMS, 2019). O receio a vacina é o principal fator para a volta de doenças imunoprevisíveis, que foram consideradas eliminadas ou controladas. Por exemplo, o sarampo, após ter sido considerado pela OPAS erradicado do território das américas em 2016, no ano de 2018 voltou a circular no território brasileiro, pois teve uma baixa no percentual de cobertura vacinal, ou seja, uma doença que existe vacina e foi erradicada voltou a adoecer a população, porque as pessoas estão hesitando em se vacinar. (FIOCRUZ, 2018)

As campanhas de vacinação, a distribuição de vacinas gratuitas em postos de saúde próximos à população de cidades médias e pequenas não parecem ser o suficiente para barrar a queda na cobertura vacinal. Podemos atribuir esse fato a carência de informações objetivas sobre as vacinas e sobre a área da saúde de maneira geral. Informações responsáveis advindas de órgãos e agências especializadas no tema podem criar políticas de planejamento, prevenção e conscientização da população dos seus direitos e deveres individuais no caso das vacinações. Além da dificuldade de acesso, as pessoas que buscam informações on-line têm dificuldade de selecionar notícias precisas sobre o assunto. Quando retomamos ao contexto da pandemia da covid-19 notamos que a urgência por informações e a busca feita virtualmente não trazem resultados verdadeiramente adequados.

4.1 A importância das informações sobre saúde

Informação verdadeira em quantidade conveniente, de forma que seja possível a assimilação das notícias em meio a pandemia garante que a situação, por mais complexa que possa ser, auxilie de forma efetiva na diminuição dos danos à saúde das pessoas; e também assegura que as autoridades ajam de maneira adequada frente ao desafio sanitário.

As decisões são influenciadas por excessivas informações disponíveis na internet em que é possível ter acesso a conteúdo diverso, sem saber a sua origem, quando foram produzidas e por quem. Esse conteúdo

[desinformação] é compartilhado por milhões de pessoas nas redes sociais com muito mais facilidade do que um conteúdo de informação em saúde. (FERNANDES, et al. 2021, p. 79)

Para o sistema de saúde, informações especializadas e na quantidade certa para a população adequar o comportamento temporariamente, contribuindo para barrarmos a transmissão viral, seria um apoio fundamental, na diminuição das taxas de internações e mortalidade, protegeria a saúde pública do colapso. O Brasil lidera o ranking dos países que mais acreditam em notícias falsas, no mundo. A desinformação sobre a vacina é um contra-progresso, porque o país foi exemplo internacional de que campanhas bem-sucedidas de vacinação são eficazes contra doenças infecciosas transmissíveis. Por uma questão de saúde pública seria imprescindível redes e ferramentas de comunicação mais eficazes e acessíveis ao público leigo. Especialistas em saúde devem ocupar os espaços on-line, que atualmente estão preenchidos de informações em excesso, sem direcionamento e objetividade, ou seja, são desserviços ao coletivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas essas considerações percebemos o quanto as tecnologias da informação e comunicação transformaram a forma como as pessoas consomem informação. O imediatismo na comunicação digital nos faz ler manchetes, mas não a matéria completa. Os algoritmos nos mostram noticiais que reafirmam nossas crenças e ideologias, formando bolhas virtuais que nos deixam em zonas de conforto, nas quais não precisamos lidar com o diferente, com o que nos incomoda.

Neste sentido, em meio a pandemia ficou evidente a falta que informações de qualidade e na quantidade certa fazem a todos. Deste modo, é de suma importância estarmos bem informados, pois isso é essencial para termos atitudes coerentes para o bem coletivo.

Especialistas precisam de imediato melhorar a comunicação científica com linguagem acessível ao público leigo. Os espaços virtuais estão cheios de desinformação e pouco ocupados por especialistas, acadêmicos e estudiosos. A ciência, a informação a tecnologia e as mídias devem priorizar os fatos científicos e a informação de qualidade, esse tipo de educação faria diferença considerável em como lidaríamos com a pandemia. Mas como diz Harari: “Toda crise é também uma oportunidade” (HARARI, 2020, p. 83), portanto, podemos sair da pandemia e refletirmos melhor sobre a forma como consumimos informações on-line, aprendendo a checar informações, principalmente as relacionadas à saúde.

Entre as ponderações sobre o espaço dos especialistas que deve ser fortemente demarcado para discussões na área, cabe evocar a conceituação de um recente campo na historiografia, a História Pública, que se trata da história direcionada ao grande público, não apenas preocupada com uma linguagem acessível, mas metodologicamente produzido próximo ao público, especialmente devido a ampliação da esfera pública motivada pela internet desde a década de 1990. Apresentamos, então, a possibilidade de informar sobre ciência na área da História para assim como na saúde diminuir consideravelmente desinformações na esfera pública:

A presença dos historiadores nas redes sociais na Internet é ainda mais desejável, porque esses espaços são frequentemente inundados por

conteúdos de história de má qualidade, incompletos, imprecisos, errôneos e até mesmo mal-intencionados. (CARVALHO, 2016, p.41)

O que pode ser feito frente às desinformações na saúde é uma cooperação entre instituições. Agências de saúde que viabilize a checagem de fontes, além de notícias precisas, objetivas e numa quantidade acessível.

Também enfatizamos a importância que teria a educação digital, que oriente as pessoas a verificar a fonte e a veracidade das informações antes de compartilhá-las, dessa forma quebrando o contágio exponencial das informações imprecisas e descontextualizadas. A educação digital seria um passo importante na luta contra a *infodemia* e a desinformação. Deve ser priorizada a qualidade e pontualidade das informações, em vez do atual excesso e velocidade.

Através desse artigo, pudemos observar que além da importância de discutir a qualidade e a quantidade das informações, também é preciso refletir como consumimos notícias, ou seja, nossa relação com a internet. Percebemos que os meios de comunicação virtual e dispositivos tecnológicos de modo geral afetam nossa percepção sobre o mundo e a sociedade. No contexto da pandemia não foi diferente. A partir dos levantamentos que fizemos ficou evidente o impacto danoso que as informações sem mediação e sem checagem das fontes, no mundo virtual tiveram na saúde coletiva, ou seja, na vida de todos durante a pandemia. Destacamos, ainda, que a proposta do presente trabalho não foi o de contemplar uma história das mídias digitais no tempo presente e tampouco uma história da vacinação, mas sim, a relação entre a *infodemia*, a pandemia e o ativismo on-line antivacina.

REFERÊNCIAS

- ALTER, ADAM. **Irresistível: Por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**. "Dossiê: História Pública: escritas contemporâneas de História. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 35-53, Ano 03. set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602> Acesso em: 20/06/2021
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019..
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. FIOCRUZ. 2018. **Sarampo de volta ao mapa**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/sarampo-de-volta-ao-mapa> Acesso em: 18/06/2021
- HARARI, Yuval Noah. **Notas Sobre a Pandemia: E Breves Lições Para o Mundo Pós-Coronavírus**. Tradução Odorico Leal. 1. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- HAN, B.C. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAN, B.C. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**; tradução Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.
- FERNANDES, Jorlan, et al. **Vacinas** [Livro Eletrônico] – Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. MS. 2018. **Saúde sem fake news**. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/> Acesso em: 05/09/2021

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE. OPAS. **As dez maiores ameaças à saúde, segundo a OMS**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-1-2019-dez-ameacas-saude-que-oms-combatera-em-2019> Acesso em: 20/09/2021

SILVEIRA, Sergio. **Democracia e códigos invisíveis** - Livro digital: edições resc. [E-book] Coleção Democracia Digital, 2019. Acesso em 03/04/2021

World Health Organization [internet] Geneva: WHO; 2020 [citado em janeiro de 2021] About EPI-WIN. [**Rede de Informações sobre Epidemias da OMS**] Disponível em: <https://www.who.int/teams/risk-communication/infodemic-management> Acesso em: 06/02/2021

Organização Pan Americana de Saúde (OPAS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020 [citado 2021 jan]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt> Acesso em:20/03/2021

Sltaninejad K. Methanol Mass Poisoning Outbreak: A Consequence of COVID-19 Pandemic and Misleading Messages on Social Media. 2020. Mar. [**Surto de envenenamento em massa por metanol: uma consequência da pandemia e mensagens enganosas do COVID-19 nas redes sociais**] Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32225177/> Acesso em: 16/03/2021

ZAROCOSTA, J. How to fight an infodemic [**como lutar contra um infodêmico**]. Lancet. 2020. Fev. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext#coronavirus-linkback-header](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext#coronavirus-linkback-header) Acesso em: 05/02/2021

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa que devo gratidão é ao meu pai, Josias, homem sensato, que me deu os melhores ensinamentos sobre a vida e as pessoas, agradeço também a liberdade que ele me deu para eu escolher quem eu quisesse ser, e obrigado por me ajudar a ser quem eu escolhi. Para a minha mãe, eu devo mais do que agradecimentos, eu devo minha estabilidade emocional, saber que temos com quem contar a qualquer momento foi de longe o maior apoio que recebi, sempre disposta a me acolher no seu ninho de amor e gentileza, mas que também me incentiva a voar. A vocês devo quem eu sou. Para o meu melhor amigo, Wesley Ferreira, eu devo agradecer a generosidade de me ouvir nos momentos mais difíceis e a companhia desses longos anos de amizade, somos na vida um do outro o que o Todo nos permite, “porque é você, porque sou eu”. Agradeço a Ananda Júlia, minha amiga, por todo o amor e compreensão, por me ensinar tanto sobre uma vida leve, sobre os amores e sobre intensidade, te conheci no 1º dia de aula, em 2017 e tive, no decorrer desses anos todos, o afeto que uma verdadeira amizade pode oferecer, obrigado por tudo e pela amizade da minha vida. A Maria Helena, eu agradeço a maravilhosa companhia nos últimos anos, formamos uma dupla incrível, sempre presente e prestativa, não media esforços para ajudar quem precisasse. Você me ensinou muito sobre amizade e companheirismo. Todos sabiam que onde eu estivesse você também estaria por perto, para além de todos os cafezinhos, visitas, conversas sérias e aleatórias ou apenas no silêncio ouvindo música juntas, você foi fundamental na minha caminhada na UEPB, obrigado por tanto mesmo sem saber, me fazer não desistir. Seria realmente impossível citar o nome de todos que fizeram

parte da minha caminhada de quase 3 anos presencialmente (e pouco mais de 1 ano de aulas remotas). No espaço da expressão, nas calorosas tardes acompanhados de cafés esfumando de tão quentes, na cidade pouco quente de Guarabira. Não imaginaria que uma cidade até então desconhecida para mim, e um campus pequeno pudesse me fazer tão bem e tão feliz. As pessoas se apresentaram amorosas, hospitaleiras e sensíveis pela existência do outro, encontrei meu lugar. Quando no início da pandemia tive que forçadamente sair dos corredores do campus e da cidade cheia das pessoas que tão bem me acolheram foi muito difícil, e nesse contraste terminei minha passagem pela UEPB, de corredores cheios e risos soltos à solidão do meu quarto assistindo aulas virtuais. Espero que possamos nos ver de novo, campus III. Agradeço agora ao meu professor, querido, orientador da iniciação à pesquisa e deste trabalho de conclusão de curso, Carlos Adriano, que imensa honra foi trabalhar com você! Sou grata pelas oportunidades como monitora de extensão e como aluna PIBIC, o meu crescimento como historiadora vai da admiração que tive desde as primeiras aulas no terceiro período do curso, desde então eu soube que estava no curso certo, no lugar certo, obrigado por me mostrar isso.